

18º Congresso Brasileiro de Sociologia

26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)

Grupo de Trabalho: GT07

**Fronteiras e Deslocamentos: o fazer sociológico nos espaços  
fronteiriços**

Título do Trabalho:

**IMAGENS E IMAGINAÇÕES:  
COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL  
NAS FRONTEIRAS ENTRE BRASIL E CHINA**

Nome completo e instituição do(s) autor(es):

**MARIANA HASE UETA**

**(UNICAMP)**

(Este artigo faz parte da pesquisa de mestrado realizada pela autora na  
Universidade Fudan, Xangai, China, sob a supervisão do professor Yu Hai e  
apresentada em 2015)

## Introdução

A globalização transformou a realidade social não apenas através dos fluxos de pessoas, mas principalmente através dos fluxos de informação. Os indivíduos circulando pelo mundo desenvolvem suas maneiras de entender e experienciar os lugares, e essas jornadas produzem tradutores do mundo através da lente do olhar. Thomas Dwyer traz para esta discussão a ideia de “miscomunicação” de Dominique Wolton questionando “como transformar os fluxos de informação em comunicação”? Os autores acreditam que pessoas diferentes entrando mais em contato e trocando mais informações não significa que a comunicação entre elas melhora, pelo contrário, estes se tornam mais conscientes de suas diferenças e a possibilidade de conflito emerge<sup>1</sup>.

O cenário contemporâneo globalizado também resulta no rearranjo de forças políticas onde novas alianças, como os BRICS, emergem. China e Brasil estão se tornando cada vez mais importantes um para o outro e esta parceria tem atraído a atenção global. Na medida em que estes países se aproximam, eles serão desafiados a lidar não apenas com as oportunidades, mas também com os conflitos que poderão surgir, enquanto constroem uma parceria sólida e estável. Muita atenção está sendo focada nas relações de comércio, mas é importante considerar as múltiplas faces desta Parceria Estratégica e envolver profissionais de diferentes áreas. Segundo T. K. Oommen, um dos desafios que os sociólogos precisam encarar no contexto atual é trazer dignidade à comunicação entre diferentes pessoas e permitir o entendimento entre elas, apenas desta maneira poderemos assegurar cooperações interculturais.

China e Brasil, sendo parte dos BRICS, podem inaugurar maneiras de entendimento e contribuir com novas perspectivas nas cooperações Sul-Sul em diversas áreas. De acordo com Alexandre Ghisleni, diretor de direitos humanos e temas sociais no ministério de relações exteriores do Brasil, os BRICS sendo países em desenvolvimento de diferentes partes do mundo estão trabalhando juntos e encontrando pontos em comum para construir uma agenda conjunta que será mutuamente benéfica para todos os envolvidos. Estes países podem aprender muito um com o outro e a

emergência dos BRICS pode ser de grande interesse e importância para o mundo em desenvolvimento.<sup>ii</sup>

A construção destas pontes depende do esforço investido pelos países para trabalharem juntos. Como uma parceria em emergência, é necessário estudar a promoção e a recepção de imagens entre os dois países. Isto ainda é um desafio no estabelecimento da cooperação, uma vez que as imaginações sobre os países afetam diretamente na maneira como eles se relacionam. Este estudo se dedicou a mapear as imagens da China e do Brasil que pairam sob esta relação e as maneiras como estas afetam a experiência compartilhada entre os países e as perspectivas que emergem a partir disso.

A mídia desempenha um papel importante na mediação do contato entre diferentes culturas, como a pesquisadora Mariana Freiras (2014)<sup>iii</sup> defendeu em sua tese. Os jornalistas trabalham como importantes mediadores culturais, como Li Weilin (2013) jornalista da CCTV no Brasil acredita “Eu uso os meus olhos para ver, meus ouvidos para ouvir, meu coração para sentir e minha caneta para escrever”<sup>iv</sup>. As imagens retratadas pelo jornalismo podem tanto reforçar estereótipos, agravando o preconceito baseado na falta de conhecimento, quanto contribuir na construção de melhor entendimento.

Ambos os países têm muito a contribuir de maneira mútua nesta relação, compartilhando experiências de desenvolvimento e explorando oportunidades de se desenvolver juntos. Esta pesquisa tem como objetivo investigar os elementos envolvidos atualmente na comunicação intercultural entre Brasil e China e desta forma contribuir no estabelecimento de um relacionamento que possa trazer novas perspectivas e enriquecer o debate sociológico com suas experiências.

### **Através de novas lentes: A emergência dos BRICS**

“Nós estamos consolidando os BRICS como um grupo de países com sua própria agenda e cooperação interna, com pontos em comum e que projetem sua própria

identidade. A construção da identidade dos BRICS é muito importante, eles não são apenas uma lista de países que compartilham certas características, mas atualmente são cada vez mais um grupo coeso com sua própria agenda”

Alexandre Ghisleni<sup>v</sup>

O conceito dos BRICS foi criado no começo do século por analistas da Goldman and Sachs, que acreditavam que Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul (que foi incluída posteriormente em 2011) eram as economias em desenvolvimento mais importantes do mundo, e portanto mereceriam atenção especial e se beneficiariam de um projeto de cooperação.<sup>vi</sup> De acordo com a Organização Mundial do Comércio (OMC), a participação dos BRICS nas exportações mundiais mais do que dobrou entre 2001 e 2011, de 8% para 16%. No mesmo período, as suas exportações cresceram mais de 500%, enquanto o total de exportações globais cresceu apenas 195%. Entre 2002 e 2012, o volume do comércio intra-BRICS cresceu 922%, de US\$27 para US\$276 bilhões<sup>vii</sup>. A dimensão das exportações globais é apenas uma maneira possível de ver estas relações, muitos outros fatores estão envolvidos na consolidação de uma parceria bem-sucedida.

Desde sua criação, muitos analistas apontaram para os grandes desafios e oportunidades que esta aliança traria em diversas áreas, mas para desenvolver estas cooperações é necessário assegurar conhecimento profundo e entendimento mútuo entre eles. Influências de culturas nacionais levam a diferenças significativas na cultura e na prática, logo se faz necessário enfatizar a importância de entender a cultura de cada país para estabelecer, desenvolver, aprofundar e expandir este relacionamento.

Na medida em que as relações entre os países ganham mais impacto no cenário global, mudam também o status deste grupo e o significado do termo BRICS, partindo da esfera econômica e se tornando cada vez mais politicamente importante, especialmente desde a crise financeira mundial de 2008. O projeto BRICS também pode ser entendido como uma ideologia que expressa a emergência conjunta destes países ao cenário global, ou seja, a ideologia de desenvolvimento destas nações grandes e previamente

subordinadas e que agora estão sendo reconhecidas e definindo a si mesmas como capazes de desempenhar um novo papel na arena global.

“O Brasil e os outros países BRICS estão desenvolvendo rapidamente relações de comércio, relações supranacionais e de trocas de informação, e, com isso, podemos prever a necessidade de travarmos um entendimento mútuo entre as nações, especialmente ao enfrentarmos a realidade de que inúmeros conflitos podem surgir como produto destas relações. Nós simplesmente sabemos muito pouco sobre eles, assim como eles sabem muito pouco sobre nós. Temos exemplos, do passado, de esforços para uma possível cooperação, que servem de material para uma reflexão sociológica acerca das interações, no passado e no presente, entre os países. Se os BRICS pretendem de fato se estabelecer enquanto uma associação de potências no cenário mundial, precisarão se apoiar nas suas populações, na sua relevância econômica e geográfica, no diálogo e no mútuo entendimento.”<sup>viii</sup>

Os interlocutores BRICS estão se tornando cada vez mais relevantes e participando dos debates globais, isto impõe o desafio do entendimento e do respeito para que se possam criar oportunidades de aprender com as experiências destes agentes. Até recentemente, a magnitude do impacto da emergência da China ao cenário global foi negligenciada no Brasil, onde apenas diplomatas e empresários possuíam esta consciência, mas não detinham o poder nem a capacidade de gerar maior conscientização geral em torno da questão. As Ciências Sociais também levaram muito tempo para reconhecer a importância da China e dos países BRICS<sup>ix</sup>, mas agora se torna imperativo compreender esta questão e mudar este cenário.

## **Discussão Teórica**

A globalização é um fenômeno que foi primeiramente debatido no âmbito econômico, uma vez que era necessário entender todo o processo de globalização de mercados e as conseqüentes mudanças no capitalismo e na realidade social. No entanto, a globalização também gera mudanças nas formas como as pessoas pensam e vivem, especialmente no que diz respeito ao conceito de mobilidade. De acordo com Castells depois da globalização o mundo se tornou esquizofrênico, desterritorializando e reterritorializando ao

mesmo tempo, e mudando também os entendimentos sobre identidade e diferença.

A China atrai mais atenções do que nunca, através de olhares que misturam medo e admiração na tentativa de compreensão do impacto da globalização depois das reformas e da abertura do país e os novos desafios que se impõe para China e a partir da China.

A emergência do país no cenário global e a participação em instituições internacionais tem um duplo efeito: a mudança das dinâmicas políticas e econômicas internacionais e também as domésticas, que estiveram fechadas ao ocidente por um longo período. Jiaming Sun (2013) acredita que as conexões globais impactaram nas transformações locais; ele divide tais transformações em quatro grupos: External-material type (arquitetura, moradia, paisagem, bens, produtos, etc...); Internal-material type (estilo de vida, moda, decoração, design, etc...); External-mental type (serviços, comportamentos, maneira de realizar atividades, estilo de gerência, etc...); Internal-mental type (ideias, valores, atitudes, sistema ideológico, etc...).

A circulação de pessoas, informações e ideias neste novo contexto globalizado é um grande desafio: pode dar origem a novos entendimentos, mas também a desentendimentos. As Ciências Sociais desempenham um papel importante: elas podem encontrar oportunidades que emergem de contatos interculturais e produzir entendimento gerenciando conflito entre os diferentes países. Porém, este novo contexto é também é desafiador, diante da globalização se faz necessário que estas se reinventem tendo como objetivo apreender a intensa comunicação intercultural e lidar com os diálogos entre as diferentes sociologias nacionais.

A globalização vai além das fronteiras do espaço, a distância se torna relativa e as maneira de entender o global e o local mudam a maneira como se afirmam identidades locais e a relação com a identidade estrangeira, ou seja, os fluxos de informações e pessoas se intensifica, conseqüentemente as pessoas entram mais em contato com as outras e um novo processo de

produção de diferenças é realizado. Este processo de globalização também pode ser entendido como discursivo, e os elementos envolvidos constroem o imaginário da mobilidade. Quando se tem acesso às imagens de outros lugares, se passa a impressão de proximidade, ou seja, a distância entre o “eu e o Outro” é reduzida. Como resultado se apresenta uma fascinação ambivalente com a diferença e uma resistência agressiva à diferença<sup>x</sup>. De acordo com David Harvey, o fenômeno “Compressão do Espaço e do Tempo” aproximaria as pessoas através de processos que estão além do controle. Paradoxalmente, na medida em que as pessoas se conhecem melhor, as suas diferenças também se tornarão cada vez mais evidentes. A Globalização Cultural não se trata da homogeneização das culturas nacionais, mas sim das interconexões inseparáveis entre diferentes culturas nacionais e um crescente consenso e consciência sobre questões globais.<sup>xi</sup>

A maneira sempre em transformação como se vê e entendo o Outro e a relação entre “Nós” e “Outros” é um debate desenvolvido na antropologia da representação e da diferença. A fundação da crítica cultural, como uma relação dialógica entre uma “outra” cultura que se encontra como uma perspectiva crítica em relação à “nossa própria cultura”, assume a existência de um mundo com diferentes culturas e uma distinção não problemática entre a “nossa sociedade” e a “sociedade do outro”. Como resultado, a diferença cultural é especializada: a relação antropológica não é apenas entre pessoas que são diferentes, mas entre “diferentes sociedades”, “diferentes culturas”, logo a relação entre “aqui” e “alhures” se torna inevitavelmente evidente.<sup>xii</sup>

Um dos principais veículos de transmissão e produção da diferença através da imagem é a mídia. As imagens relacionadas a um país ou a um grupo de pessoas que é transmitida pela mídia atua diretamente na auto-percepção e na construção de identidades. A produção de imagens e informação levam a diferentes percepções de si e do outro, logo é necessário analisa-la como uma estrutura ideológica. Nesta construção, ações e percepções estão organizadas, construindo e reconstruindo identidades através de representações, e desta forma a recepção da mensagem nunca é única e paralisada no tempo.

Neste contexto o jornalismo merece atenção especial; as notícias transmitidas sempre carregam as impressões e as crenças dos escritores, que mediam o acesso às informações de maneira parcial. Tendo o propósito de ajudar a audiência a navegar entre várias versões dos mesmos fatos e apresenta-los de maneira Inteligível para os receptores, os jornalistas tem que lidar com a realidade atual, onde as pessoas são bombardeadas com novas informações e isso torna cada vez mais difícil de trazer sentido para o contexto que os circunda. Logo, nunca se fez tão necessário o investimento em profissionais capazes de transmitir informações e também entender e traduzir as mensagens.

A Mídia também é responsável, como acredita Iara Beleli (2012), pela construção e reorganização dos imaginários. A mídia dissemina visões de mundo que oferecem sentido à vida dos indivíduos, logo a produção de notícias e imagens resulta na construção, transmissão e mercantilização de formas simbólicas, o que Thompson chama de “mediação da cultura. Desta forma, a cultura se desenvolve crescentemente através da Mídia e as manifestações seriam reconhecidas quando incorporadas pela Mídia, resultando na produção de uma “cultura midiática”.

Lidar com as esferas da Identidade e Diferença em um contexto globalizado confere proporções internacionais à problemática: a apresentação de imagens estereotipadas entre os países afeta diretamente a maneira como os encontros presenciais são conduzidos, os indivíduos precisam encarar um duplo estranhamento a partir da experiência de se sentir um estrangeiro e ao mesmo tempo lidar com a imaginação construída e esperada de acordo com sua cultura.

A Mídia tem o poder de construção de comunicação intercultural e assim pode ser usada a favor ou contra o estabelecimento de entendimento entre os países. Chin-Chuan Lee (2009) contribui para o debate sobre estudos de Mídia na Ásia com sua pesquisa sobre comunicação intercultural entre China e EUA, observando as imagens de ambos os países no jornal Global Times. O autor conclui que a Mídia pode ser a maneira como as pessoas acessam e entendem os significados sobre o que está acontecendo



nos países, e desta forma esta pode promover oportunidades e possibilidades de cooperação.

As relações entre China e Brasil é um tema novo e de crescente importância, uma pesquisa foi desenvolvida na Universidade Fudan (China) por Mariana Freiras (2014) tendo como tema a imagem pública da China no Brasil, da perspectiva da produção e da recepção, e como a imagem da China é negociada e construída no Brasil, com destaque a elementos que influenciam e mobilizam a opinião pública sobre o país. De acordo com a autora: “one’s image of a place or a person does not necessarily correspond to the reality of that place or person and this is why researchers on images and public images are relevant, so that is possible to understand how they are formed, what influence people’s opinion about one specific topic and what is possible to do to transform that image according to one’s interests.”<sup>xiii</sup>

Freiras analisou o noticiário “Jornal Nacional” da emissora brasileira Globo durante o primeiro semestre de 2013, coletando todas as notícias sobre a China. Todos os segmentos somaram um total de 20 minutos, que eram majoritariamente compostos por chamadas superficiais. Este material foi posteriormente analisado em grupos focais compostos por estudantes universitários em São Paulo e Brasília.

“This partnership is much deeper than only bilateral relations in the economical, political or even scientific fields. It has directly influenced on Brazilian’s own economical evolution. But as mentioned before, the partnership has also started to show some problems, such as a rising sense of a ‘China Threat’ mentality held by some Brazilians business representatives, which originated anti-dumping measures aimed to combat the commerce of Chinese products that arrive in Brazil for a much cheaper price than the national products, causing an unfair price competition, which might be harmful for Brazilian economy. (...) Specialists in Sino-Brazilian relations, however, are suspicious about this kind of measures to protect the Brazilian commerce. Some of them, such as the Chinese academic Zhou Zhiwei, head of the Brazilian Studies in the Chinese Social Sciences Academy, believes the anti-dumping measures are not the best solution for Brazil to deal with the Chinese commercial competition. Using a metaphor of a relationship, the researcher compares the Sino-Brazilian relations to a marriage, in which the problems start to show up with the time.

He criticizes the Brazilian lack of strategic plan to get better advantages of the Chinese investments in the country.”<sup>xiv</sup>

A partir desta coleta, as notícias foram divididas em 7 grupos principais: (1) Ambiente/Poluição; (2) Desastre Natural/Acidente; (3) Cultura; (4) Política; (5) Economia; (6) Saúde; (7) Tecnologia. A discussão com os grupos focais nas duas cidades concluiu que as imagens veiculadas pela mídia de massa e a agenda pública influencia diretamente a opinião pública brasileira e a maneira como os Brasileiros entendem a China. O Jornal Nacional tem grande impacto e influencia na maneira como a audiência assimila certas questões, refletindo não apenas sobre como os brasileiros percebem a China, mas por que eles pensam desta maneira. Finalmente através da análise deste noticiário é possível ter pistas não apenas sobre o que o Brasil pensa sobre outras nações, mas como este as percebe e as confere sentido.

### **Trabalho de Campo: China- Brasil**

O ano de 2015 começou otimista para a Parceria Estratégica Sino-Brasileira. Em Janeiro o discurso presidencial brasileiro destacou a importância dos BRICS e da cooperação comercial, científica e tecnológica entre eles.<sup>xv</sup> Este começo positivo é reflexo do discurso que o Presidente Xi Jinping<sup>xvi</sup> no Congresso brasileiro em 2014 e a conclusão bem sucedida do projeto do Banco dos BRICS (New Development Bank). Além disso, em Janeiro de 2015 a China declarou que investiria US\$250 bilhões ao longo de 10 anos na América Latina.<sup>xvii</sup>

Na segunda visita do Presidente Xi Jinping à América Latina em 2014 foi desenvolvido o projeto “China-CELAC Forum” que aconteceu em Beijing e que teve impacto positivo no relacionamento entre os países. Os países da América Latina apresentaram um aumento do GDP entre 2002 e 2012, de US\$1.86 trilhões para US\$5.6 trilhões, que foi acompanhado por uma melhora na qualidade de vida, onde 73 milhões de pessoas deixaram a linha da miséria entre 2003 e 2013, e como resultado houve o declínio da desigualdade socioeconômica<sup>xviii</sup>, que seria uma experiência interessante

para ser compartilhada com outros países em desenvolvimento. O Fórum definiu algumas áreas de interesse mútuo entre os países participantes: Energia e Recursos, Infraestrutura, Agricultura, Manufatura, Inovação Tecnológica e Tecnologia da Informação. A cooperação nestas áreas poderia beneficiar os projetos de desenvolvimento na China e na América Latina, que precisam lidar com os desafios da transformação de suas próprias estruturas socioeconômicas.

A aproximação do Brasil e da China faz com que se tornem mais relevantes um para o outro, logo é necessário se assegurar que as maneiras que eles acessem as informações e também as interpretações e imagens que constroem sobre o outro leve à um projeto comum de benefícios mútuos. No entanto, a comunicação intercultural entre os países está repleta de incertezas e falta de conhecimento, o que dificulta o desenvolvimento das relações e gera conflitos.

Em minha pesquisa de mestrado, mapeei as imagens e imaginações que pairam na comunicação intercultural entre China e Brasil, baseada em uma etnografia desenvolvida entre 2012 e 2015 no Brasil (São Paulo) e na China (Xangai). A pesquisa investigou a promoção da China no Brasil e do Brasil na China, e as imagens que emergem da recepção e da interpretação destas informações. Brasil e China tem fluxos heterogêneos de informação como resultado da expansão das relações em diversos setores, logo as entrevistas foram desenvolvidas com foco nos mediadores culturais, que são os responsáveis por transformar as informações e o potencial de cooperação em projetos bem-sucedidos que trazem benefícios para ambos os países. A agência desses mediadores é imperativa no desenvolvimento de um ambiente frutífero para a Parceria Estratégica e é crucial para poder desfrutar de todas as oportunidades que esta cooperação promissora pode trazer.

Entrevistas semi-estruturadas foram desenvolvidas com autoridades diplomáticas Chinesas baseadas no Brasil e Brasileiras baseadas na China, empresários trabalhando no desenvolvimento de negócios entre os países, acadêmicos envolvidos nesta intermediação e jornalistas. A metodologia da observação participante também foi utilizada durante eventos acadêmicos que propunham a discussão da relação Sino-Brasileira nas universidades

UNICAMP, Cásper Líbero e Fudan durante o período da pesquisa, e no Festival de Cinema Brasileiro BRAPEQ em Xangai. Trabalho de campo também foi desenvolvido no Ano Novo Chinês no bairro da Liberdade em São Paulo em 2015, e espaços que promoviam comunicação intercultural entre as culturas, como a Academia de Kung Fu Shaolin do Norte em Valinhos-SP e o bar Drosophyla em São Paulo. Analisei também o projeto “Ciência Sem Fronteiras” de intercâmbio de alunos brasileiros para China e os alunos chineses matriculados em aulas de português na Universidade Fudan. Por fim, realizei entrevistas com as autoridades brasileiras a frente do projeto espacial CBERS, a cooperação sino-brasileira mais próspera até o momento.

A influência da cultura chinesa no Brasil não é recente, como José Roberto Teixeira Leite (1992)<sup>xix</sup> explica em sua tese, e reconhece como primeira contribuição à discussão como sendo de Gilberto Freyre, que em 1936 dedicou seu capítulo IX do livro “Sobrados e Mucamos” ao encontro entre Oriente e Ocidente. De acordo com Teixeira Leite, até aquela data, a maioria dos trabalhos desenvolvidos no Brasil sobre a China eram da História da Arte com foco na Arquitetura, Escultura, Pintura, Porcelana e Artes Decorativas no período colonial, especialmente nas regiões de Minas Gerais, São Paulo, Bahia e Pernambuco. Alguns outros estudos eram focados na imigração chinesa para o Brasil ou se focavam em Macau, que compartilhava o passado colonial português com o Brasil. A presença da China foi experienciada desde a era colonial no Brasil através de produtos que foram importados de Macau e despertaram o interesse entre as elites, a influência arquitetônica em alguns prédios e até no paralelo entre ambas sociedades a respeito da vida social baseada em instituições patriarcais.

Os portugueses chegaram no Brasil e na China quase ao mesmo tempo e nesta época moviam seus oficiais entre suas áreas de influência, permitindo que Brasil e China tivessem acesso à troca de informações entre os diferentes lugares. Além disso, marinheiros chineses e brasileiros dividiram os mesmos navios nas viagens de deslocamento entre as áreas. Porém o primeiro grupo de imigrantes que veio da China para residir no Brasil eram compostos por centenas de chineses que chegaram no Brasil em 1810 para trabalhar nas plantações de chá da Família Real.<sup>xx</sup>

As ondas mais recentes de imigração (de 1979 em diante) da China para o Brasil são caracterizadas no geral por serem urbanas e focadas no comércio e na exportação e importação. Os imigrantes que viveram por um longo período no Brasil e muitas vezes criaram suas famílias no país, trazem suas imagens da China e desenvolvem suas próprias maneiras de interpretar como isso se relaciona com suas experiências no Brasil. Daniel Bicudo Veras<sup>xxi</sup> investiga esta questão em sua pesquisa e de acordo com um de seus informantes, imigrante chinês que já vive no Brasil com sua família há 50 anos, ser nascido na China e ter vivido tanto tempo no Brasil permite que ele tenha uma maneira “dupla” de interpretar o desenvolvimento de ambos os países, diferente da China que agora está sendo reconstruída, o Brasil é um país jovem e ainda em construção, isso faz com que ele se sinta parte da construção do país. Ele define “ser brasileiro” como participar do projeto de construção do país e neste sentido ele se considera um brasileiro.<sup>xxii</sup>

China e Brasil são países que estão se transformando rapidamente, logo a configuração de suas relações também se transforma nesta velocidade, demandando que o entendimento e a mediação entre eles sejam sempre atualizados, para isso é necessário o investimento em um fluxo contínuo e diverso de estudos entre os países.

No Brasil o número de estudos dedicados à China cresceu, como pode verificar no mapeamento do número e da diversificação de grupos de estudos relacionados à China no CNPq no período de 2000 a 2010.

Grupos de Pesquisa (CNPQ)	
ANO	NÚMERO DE GRUPOS
2000	24
2002	38
2004	68
2006	117
2008	217
2010	290

Porém este número ainda está longe de ser o suficiente considerando a importância desta relação. Muitos jornalistas publicaram livros narrando sua experiência na China e suas perspectivas e opiniões sobre a questão, alguns exemplos são “Laowai: Histórias de uma repórter brasileira na China” de Sônia Bridi, “Olhos Abertos: A história da nova China” de Ivan Quaggio, “Um Brasileiro na China” de Gilberto Scofield e “O Renascimento do Império: China” de Claudia Trevisan. Apesar de despertarem o interesse do público leigo na China, estes livros nem sempre são baseados em pesquisas científicas que poderiam permitir que o leitor compreendesse melhor a realidade chinesa e muitas vezes apenas reforçam estereótipos e levam a interpretações equivocadas.

No combate à falta de informação e compreensão entre os países, muitos estudos estão sendo desenvolvidos, e entre eles se destaca a importante contribuição do Professor Thomas Dwyer (UNICAMP), que participou de três projetos que reúnem sociólogos brasileiros e chineses “Social Stratification in BRIC Countries”, “Youth in BRICS Countries” e “Jovens Universitários em um mundo em transformação: uma pesquisa sino-brasileira” na construção de uma Sociologia dos BRICS.

“Dentro deste enorme desafio intelectual, sociólogos e outros devem buscar, onde quer que estejam, pensar os patamares de suas disciplinas. Importante é organizar agendas de pesquisas comparativas, assim como intercâmbios científicos significativos, e construir um amplo diálogo interdisciplinar com todos os setores, para responder a necessidade de dar inteligibilidade e sermos, como nação, capazes de confrontar os mais importantes desafios intelectuais impostos pela ascendência dos BRICS – e desenvolver uma resposta – na prática e na teoria – à pergunta: como viver juntos?”<sup>xiii</sup>

Neste contexto, esta pesquisa se dedicou a trazer nova luz à discussão sobre comunicação intercultural entre Brasil e China tecendo novas perspectivas dos envolvidos na mediação do processo, e a partir deste ponto entender o que está sob a superfície desta cooperação e melhorar as

maneiras como estes países estabelecem um desenvolvimento de benefícios mútuos.

## **Discussão e Perspectivas**

A Parceria Estratégica entre China e Brasil está prosperando, especialmente nos últimos anos devido ao número crescente de projetos unindo ambos os países. No entanto ainda há muito a ser feito para garantir o desenvolvimento bem-sucedido desta relação. As imagens que pairam na relação Sino Brasileira ainda são baseadas em estereótipos e falta de conhecimento sobre os países.

Esta pesquisa concluiu que é necessário investir no campo acadêmico, desenvolvendo intercâmbios que quebrarão o ciclo de ignorância e falta de informação. Desta forma, profissionais dedicados a estudar China e Brasil poderiam conduzir uma mediação melhor e resultaria no surgimento de novas oportunidades. Ambas as sociedades estão se transformando rapidamente e as ciências sociais exercem o papel de além de estabelecer entendimento entre as diferentes culturas, também compreender ambos os processos de desenvolvimento e achar potencial para crescer juntos.

Freiras<sup>xxiv</sup> indica que o maior desafio para se obter uma boa imagem da China no Brasil é a introdução deste país na esfera pública, ou seja, a promoção de projetos que atraiam jornalistas e formadores de opinião para se debruçar à realidade chinesa e desta forma desfazer antigos estereótipos. Tjong<sup>xxv</sup> também aponta a escassez de profissionais capazes de administrar cursos sobre a China a partir de uma perspectiva histórica e sociológica. China e Brasil, que se encontram tão distantes geograficamente, tem essa distância agravada pela orientação eurocêntrica do ensino das Ciências Sociais no Brasil. “Besides the increasing political and economical dynamism between Brazil and the Asian countries, there remains a low or sporadic the academic involvement with these inter-regional connections. (...) Persists in

this sense a deep informative vacuum of ignorance of the respective regions.”<sup>xxvi</sup>

Através da Mídia, os brasileiros têm contato com questões chinesas de maneira superficial, muitas vezes apresentadas e não problematizadas, e o foco é em sua maioria econômico. Na China, a imagem brasileira ainda é incipiente, explorando estereótipos relacionados ao futebol e à natureza. Estas notícias despertam o interesse, mas falham ao explorar a importância da Parceria Estratégica Sino-Brasileira.

A presença chinesa do Brasil, especialmente no que condiz às companhias de investimento, ainda despertam preconceito e levantam suspeitas. Os brasileiros têm medo que os Chineses tomem seus recursos naturais, como foi feito no passado pelos poderes coloniais. Estas desconfianças não consideram o próprio lugar dos países na perspectiva global, onde recursos, produção e consumo fazem parte de uma mesma dinâmica que envolvem ambos os países. Esta visão maniqueísta deve ser abandonada e dar lugar à um novo leque de estudos entre os países que abram espaço para novas cooperações.

Na consolidação dos BRICS não apenas como um grupo econômico, mas também como uma aliança política, é necessário que se vá além das oportunidades comerciais imediatistas. O investimento em um projeto político de comunicação intercultural não trará apenas oportunidades a serem exploradas no presente, mas garantirá a construção do futuro. A partir da análise do programa de intercâmbio acadêmico “Ciências Sem Fronteiras” podemos concluir que os alunos deveriam ser incentivados não apenas a trazer perspectivas de seus próprios países, mas trabalhar ativamente na construção de projetos de cooperação em suas áreas. Outra sugestão trazida no campo diplomático seria investir em Think Tanks do governo que se dedicassem a desenvolver pesquisa específica sobre as relações estratégicas entre os países.

O estabelecimento de alianças políticas envolve imaginações e percepções sobre determinados lugares, logo a visibilidade e a construção de



imagens podem ser benéficas para a parceria na medida em que quanto mais informações se possui sobre o outro país, mais se percebe a sua importância e se sente a impressão de proximidade. Somente quando ambos os países sentirem que pertencem à uma mesma realidade, haverá a possibilidade de construir um futuro juntos.

No campo acadêmico, um de meus informantes traz a perspectiva de que China e Brasil podem inaugurar uma parceria mais simétrica, diferente da relação com os EUA e Europa onde países em desenvolvimento estariam sob influência de países desenvolvidos. Na contramão desta perspectiva colonial, Brasil e China poderiam encontrar maneiras de construir conhecimento juntos e desenvolver oportunidades que gerariam benefícios mútuos e como resultado contribuiria com novas perspectivas para enriquecer o debate global e empoderar ambos os países.

Os dois países devem investir no desenvolvimento de um canal direto de comunicação e do aprofundamento do diálogo. Esta pesquisa apontou que apesar da escassez de informação sobre a China no Brasil, a partir de 2000 a imagem do país vem se modificando, englobando agora ideias de cooperação e a imagem do “país das oportunidades”. Na esfera diplomática chinesa também se apontou a necessidade da presença de agências de notícia da China no Brasil e do Brasil na China, para que a transmissão de informação não fosse mediada por agências de notícia estrangeiras, que inevitavelmente carregam sua perspectiva e defendem seus interesses. Trabalhar em uma maneira mais direta de retratar ambos os países permitirá a construção de imagens que representariam os interesses sino brasileiros e empoderariam o entendimento e a cooperação.

Somado a este argumento, acredito que o investimento no campo acadêmico seria um divisor de águas no desenvolvimento da Parceria Estratégica. A circulação e o intercâmbio de professores e alunos entre os países, e o investimento no desenvolvimento de pesquisas com foco no estudo comparativo, pode abrir novos campos de compreensão mútua e cooperação que expanda e empodere as parcerias do Global South.

Ainda há um longo caminho a ser trilhado na direção da construção do entendimento, porém se queda evidente que a comunicação intercultural será indispensável na consolidação dos esforços de cooperação política. Apesar de ainda emergente, já se pode vislumbrar que a maneira como as imagens e imaginações entre China e Brasil são negociadas será decisiva na construção deste novo caminho a ser trilhado em conjunto.

---

## Notas:

<sup>i</sup> DWYER, 2013

<sup>ii</sup> “Parceiros do BRICS querem aprender com avanços nas políticas sociais brasileiras”

<https://www.youtube.com/watch?v=pCsbhVXX5XA> Access 19/02/2015

<sup>iii</sup> FREITAS, Mariana Oliveira de. The Image of China in Brazil: A case study under production and reception spheres). 2014. 138p. Thesis PhD in Communication Studies, Fudan University, Shanghai, China.

<sup>iv</sup> CASPER LIBERO Fórum de Debates Brasil-China 20 anos de parceria

<sup>v</sup> Ghisleni, Alexandre. “Parceiros do BRICS querem aprender com avanços nas políticas sociais brasileiras” <https://www.youtube.com/watch?v=pCsbhVXX5XA> Access 19/02/2015

<sup>vi</sup> ARDICHVILI, Alexandre; JONDLE, Douglas; KOSWKE, Brenda; CORNACHIONE, Edgard; LI, Jessica; THAKADIPURAM, Thomas. Ethical Culture in Large Business Organization in Brazil, Russia, India and China. 2011.

<sup>vii</sup> Dados do Ministério das Relações Exteriores do Brasil

<sup>viii</sup> DWYER, 2013, p.86

<sup>ix</sup> DWYER, 2013

<sup>x</sup> HAL, 2013

<sup>xi</sup> YU, 2008

<sup>xii</sup> GUPTA; FERGUSON, 1997

<sup>xiii</sup> FREIRAS, p.5, 2014

<sup>xiv</sup> FREIRAS, p.37/38, 2014

<sup>xv</sup> ROUSSEFF, Dilma. Discourse of the President Dilma Rousseff to initiate her second political mandate on 01/01/2015.

<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/POLITICA/480013-INTEGRA-DO-DISCURSO-DE-POSSE-DA-PRESIDENTE-DILMA-ROUSSEFF-NO-CONGRESSO.html>

<sup>xvi</sup> XI, Jinping. Discourse of the President Xi Jinping in the National Congress of Brazil on 16/07/2014.

<http://saopaulo.china-consulate.org/pl/xwtdt/t1192187.htm>

<sup>xvii</sup> AFP. China investirá US\$250 bilhões em 10 anos na América Latina

<http://exame.abril.com.br/economia/noticias/china-investira-us-250-bilhoes-em-10-anos-na-america-latina> Publication 08/01/2015

<sup>xviii</sup> ZHAO, Minghao. New fórum brings dynamism to China-Latin America ties.

<http://www.globaltimes.cn/content/901292.shtml> Publication 11/01/2015

<sup>xix</sup> LEITE, José Roberto Teixeira. A China no Brasil. 1992.

<sup>xx</sup> PEREIRA, Fernanda Akemi. “Da China para Campinas: redes e trajetórias dos imigrantes chineses que se instalam no centro da cidade.” UNICAMP. 2012.

<sup>xxi</sup> VERAS, Daniel Bicudo. “As Diásporas Chinesas e o Brasil: a comunidade sino-brasileira em São Paulo”. 2008.

<sup>xxii</sup> VERAS, P.199, 2008

<sup>xxiii</sup> DWYER, 2013, p.89

<sup>xxiv</sup> FREIRAS, 2014

<sup>xxv</sup> TJONG, 2014

<sup>xxvi</sup> OLIVEIRA; MASIERO, 2005, p.3

---

Referências Bibliográficas:

- ARDICHVILI, Alexandre; JONDLE, Douglas; KOSWKE, Brenda; CORNACHIONE, Edgard; LI, Jessica; THAKADIPURAM, Thomas. Ethical Culture in Large Business Organization in Brazil, Russia, India and China. 2011.
- BELELI, Iara. Brasileiros/os no atravessar das fronteiras: (des)organizando imaginários. In: MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa (org.) Discursos fora da ordem. Sexualidade, saberes e direitos. São Paulo, Anablume/FAPESP, 2012, pp.73- 95.
- BIATO, Oswaldo. A Parceria Estratégica Sino-Brasileira: Origens, Evoluções e Perspectivas (1993-2006)
- CANCLINI, Nestor Garcia. Identidades como espetáculo multimídia. In: Consumidores e Cidadãos. Conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro, editora da UFRJ, 1997.
- DE OLIVEIRA, Fabíola. Brasil – China – 20 Anos de Cooperação Espacial: CBERS – O Satélite da Parceria Estratégica / São Carlos, SP. Editora Cubo, 2009.
- DWYER, Tom. Relations between the BRICS: A Reflection from a Brazilian Sociological Viewpoint. In: Fudan Journal of Humanities and Social Science – vol 4. 2011.
- DWYER, T. A China e os Desafios das Ciências Sociais Brasileiras no Cenário do Mundo em Processo de Globalização. In Ribeiro, G. L. et ali. (orgs) “As Ciências Sociais no Mundo Contemporâneo: Revisões e prospecções” Brasília, Letras Livres e Editora da UnB. pp. 211-224. 2011.
- ERNI, John Nguyet; CHUA, Siew Keng. Asian Media Studies: politics of subjectivities. Edited by John Nguyet Erni and Siew Keng Chua. Blackwell Publishing. 2005.
- FERREIRA, Leila; BARBI, Fabiana. Questões ambientais e prioridades políticas na China. Conferência Internacional Social Justice in Transition Societies: China and the World. Fudan University. Xangai, China. 2011.
- FERREIRA, Oliveiros. O Brasil na extrema fragilidade dos BRICS. [http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,o-brasil-na-extrema-fragilidade-do-brics- imp-,1618257](http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,o-brasil-na-extrema-fragilidade-do-brics-imp-,1618257)Publication 11/01/2015. Access 13/01/2015.
- FREITAS, Mariana Oliveira de. — (The Image of China in Brazil: A case study under production and reception spheres). 2014. 138p. Thesis (PhD in Communication Studies) - Fudan University. Shanghai, China.
- GUPTA, Akhil; FERGUSON, James. Culture, Power, Place. Duke University Press. 1997. 25. HAL, Stuart. Que “negro” é esse na cultura negra? In: Da Diáspora. Identidades e

---

Mediações culturais (org. Liv Sovik). Belo Horizonte/Brasília, Editora da UFMG/ UNESCO, 2003.

- HUANG, Ying; SIMKIN, Keith. Teaching Intercultural Communication in China and Australia: Intellectual and Contextual Constraints and Opportunities. 2011
- JIN Zhuan Guo Jia She Hui Fen Ceng: Bian Qian Yu Bi Jiao, Chinese Academy of Social Sciences, Beijing. (LI, Peilin; Scalón, Celi, (et ali. orgs) 2011. Social Stratification in the BRIC Countries: Change and Perspective.
- LEITE, José Roberto Teixeira. A China no Brasil. 1992
- PEREIRA, Fernanda Akemi. “Da China para Campinas: redes e trajetórias dos imigrantes chineses que se instalam no centro da cidade.” UNICAMP. 2012.
- SUN, Jiaming; Lancaster, Scott. Chinese Globalization. 2013. Routledge.
- TJONG, Erick. Evaluating Sino-Brazilian Economic Relations: Which Roads for Development in a Resource-Rich Country. Master Degree Thesis. Fudan University. 2014.
- UEHARA, Alexandre Ratsuo. Política externa da China e as relações bilaterais com o Brasil. In: China & Brasil desafios e oportunidades. Org: Leila da Costa Ferreira e José Augusto Guilhon Albuquerque. São Paulo: Annablume; Campinas: CEA v, UNICAMP, 2013.
- VERAS, Daniel Bicudo. “As Diásporas Chinesas e o Brasil: a comunidade sino- brasileira em São Paulo”. 2008